e se torna uma parte de outra vida", diz. Para quem lê poesia pela primeira vez, ela indica Ana Martins Marques e o livro *Como se fosse a casa*. "Toda união é um novo território que se cria e uma língua própria que nasce", reflete.

Ana Maria Lopes, 78, jornalista, escritora e integrante da Academia Brasiliense de Letras, é carioca e "candanga de coração". "Brasília é minha cidade por opção", afirma. Autora de 11 livros, três deles de poemas, ela copiava versos num caderno desde que aprendeu a ler e a escrever. Os primeiros poemas, aos 12 ou 14 anos, ficavam guardados numa gaveta. "Muito tímida, não apresentava todos", conta. Para ela, poesia "é surpresa, é espanto". "Ela aparece como uma explosão, não como um método", acrescenta.

O poema que Ana Maria mostraria a quem nunca leu poesia se chama *Prece*, nascido de um fim de tarde. "Estava com meu marido em uma rede, o Sol baixava e eu só escutava as vozes dos netos lá longe. Aquele momento fez essa mulher cética que sou a crer, ou tentar crer, numa força maior da vida", relata. A quem mostraria? A Adélia Prado, diz, "talvez, para ter o aval dela".

A poeta, cronista e contista Maria Lúcia Verdi, 70, mestre em literatura brasileira, aprendeu a declamar com a mãe e a avó e, aos 8 anos, já anotava sentimentos e percepções. "Meus pais gostavam do que eu escrevia, mas, muitas vezes, ficavam preocupados, pois estávamos vivendo a ditadura", destaca. Aposentada, hoje começa o dia com musculação, pilates e exercícios na água, "escutando os pássaros, vendo-os voar". À tarde e à noite, lê, escreve e vai ao Cine Cultura ou ao Cine Brasília.

"Brasília nos permite uma respiração especial, pena que nem todos a percebam, ou que não tenham tempo para percebê-la. E essa respiração é poética", afirma Maria Lúcia. Ela espera que a escala 5X2 abra espaço para isso. "Agora, com o 5X2, espero que as trabalhadoras e trabalhadores tenham mais oportunidade de se conectar com esse lado belo da cidade."

## Poesia no cotidiano

Para o professor de literatura e poeta Alexandre Pilati, 50, esse gosto difuso tem explicação. "A poesia é algo praticamente onipresente na linguagem humana", diz. "Seja em um trocadilho cotidiano (um meme), seja no verso final de um soneto, a poesia está presente", ressalta. Citando Ferreira Gullar, lembra que "a vida ordinária não basta". Já a pouca leitura, atribui às desigualdades do país, onde o acesso à educação formal e à cultura erudita "é um direito negado cotidianamente aos brasileiros".

Sobre a vida de poeta, Pilati não romantiza o dinheiro nem dispensa o debate. "Ser poeta é um trabalho não alienado", afirma. "Não haveria salário que desse conta desse valor, porque ele tem a ver com a humanidade, e não com o dinheiro", explica. Para convencer quem diz não entender poesia, indica *Sentimento do mundo*, de Carlos Drummond de Andrade, pela "leitura adensada de um mundo triste, desencantado e melancólico".

Drummond reaparece na voz de Behr. "Não tem como não passar nessa vida sem você topar com a pedra do Drummond no seu caminho", diz o poeta, que recomenda *Rosa do Povo* e também *Sentimento do mundo*. Ali, segundo ele, o leitor encontra "um poeta humano, inteiro, completo, cheio de dúvidas, cheio de angústias e cheio de poesia".

No fim das contas, a poesia segue a rotina da capital sem pedir licença. Cabe numa rede, num caderno comprado a cada ano, numa gaveta ou num guardanapo. "Às vezes, o poema vem e você está indo para o banco, está atendendo um cliente, e aí você anota e depois trabalha esse poema", resume Behr. A rotina de Maria Lúcia, nas palavras dela, é "sempre recheada de poesia", e a de quem escreve em Brasília parece ser a mesma.

Fotos: Divulgação



**Carioca e "candanga de coração", Ana Maria Lopes tem 11 livros publicados**



**Mariana Conceição escreveu o poema *Piloto* sobre sua chegada a Brasília**



**Maria Lúcia Verdi anota percepções poéticas desde os 8 anos**



**O professor Alexandre Pilati diz que a poesia está presente até num meme**